



Um efeito dominó sem precedentes?

O caminho interrompido da água

A água é vital, dinâmica e indispensável à existência da vida. O ciclo hidrológico interliga atmosfera, solo, oceanos, florestas, cidades e todos os seres vivos. Reguladora do clima global, a água transporta nutrientes, minerais e energia, funcionando como um sistema circulatório do planeta. A impermeabilização do solo em áreas urbanas e, sobretudo, o desmatamento em larga escala rompem essas conexões essenciais e desencadeiam um efeito dominó sem precedentes. Essa falência sistêmica origina-se da *cosmofobia* e é agravado pela falta de letramento ambiental, que transformam a água em recurso supostamente inesgotável. Se a água compõe cerca de 70% do nosso próprio corpo, o negligenciamento desse elemento vital é, na verdade, um ato de *autonegligência* coletiva. É preciso uma reflexão que vá além da ecologia e chegue à nossa essência.

A água é o elemento mais abundante do planeta e está distribuído em diferentes quantidades, formas e lugares. Possui papel fundamental no ambiente e na vida humana, sem ela a vida não poderia existir, por isso, nada à pode substituir⁽¹⁾. Mesmo a água sendo um elemento natural, quase sempre é vista apenas como um recurso. Reduzir esse elemento a recurso é um erro, pois ela não é apenas um item de consumo. A água é um elemento vital e dinâmico, sendo indispensável para o equilíbrio do planeta. É ela a responsável por transportar nutrientes, minerais e energia, essenciais para o funcionamento dos ecossistemas globais⁽²⁾. Além disso, a água é crucial para a regulação do clima e da temperatura terrestre⁽³⁾. Garantido a ela a subjetividade de ser compreendida como o sistema circulatório do planeta, elevando seu “*status*”. Essa analogia enfatiza o movimento constante e as interconexões da água, que liga a atmosfera, o solo e todos os seres vivos em uma jornada incessante e contínua, conhecida como ciclo hidrológico. Em seu ciclo, a água conecta oceanos a montanhas, florestas a cidades e a atmosfera ao solo⁽⁴⁾. Entretanto, a impermeabilização do solo nas áreas urbanas interrompe essas conexões e descaracterizam os padrões de fluxo da água.

A maneira como a humanidade tem interferido nesse ciclo nos faz questionar: Será que estamos vivenciando um efeito dominó sem precedências?

O líder quilombola Antônio Bispo dos Santos, Nêgo Bispo, denuncia em seu livro “A terra dá, a terra quer”, publicado em 2023, que o modo que a humanidade foi constituída é contra o envolvimento, contra vivermos envolvidos com as árvores, com a terra e com as matas. Nêgo Bispo chama de *cosmofobia* essa dissociação da humanidade da Terra⁽⁵⁾. O primeiro dominó a cair é esse da desconexão homem-natureza, que acarreta múltiplas falhas na manutenção e conservação dos elementos que compõe o ambiente natural. Quando a vegetação nativa é suprimida, especialmente em florestas tropicais como a Amazônia, o mecanismo natural que impulsiona o ciclo da água é interrompido drasticamente. A vegetação funciona como uma bomba d’água, pois absorve a umidade do solo e a devolve para a atmosfera através da evapotranspiração. As correntes atmosféricas carregam essa umidade, levando a chuva para outras regiões.

Derrubando a floresta se desencadeia o efeito cascata, pois o impacto inicial do desmatamento não fica restrito à área degradada. O desmatamento reduz a quantidade de vapor d’água disponível na atmosfera resultando em menor formação de nuvens e, conseqüentemente, desregulando o regime de chuvas em escala regional e continental. Assim, mais um dominó cai: o regime climático é alterado.



Com a mudança no clima e a escassez de água a degradação é acelerada, atingindo os dominós do solo e da biodiversidade⁽⁶⁾. Sem a proteção da vegetação, o solo fica exposto à erosão, perdendo sua capacidade de absorver e armazenar a pouca água que cai. As secas prolongadas alteram os habitats e ameaçam espécies de plantas e animais, comprometendo a capacidade de resiliência da natureza. O **efeito dominó** retorna à esfera humana, atingindo as peças referentes a sociedade e a economia. O ciclo interrompido se manifesta em crises hídricas urbanas, falta de abastecimento nas grandes metrópoles, perdas na agricultura e, em última instância, na ameaça à segurança alimentar. A qualidade da água também é afetada, pois o solo degradado e os rios com menor volume se tornam mais vulneráveis à poluição por agrotóxicos, resíduos industriais e rejeitos de mineração.

Nesse cenário, a resposta à pergunta inicial torna-se cada vez mais evidente. O que enfrentamos não é apenas uma crise hídrica de maneira isolada. Trata-se de uma falência sistêmica que atinge todo o percurso da água. Se munir contra a **cosmofobia** e reconhecer a interconexão vital do caminho da água, pode ser uma excelente ferramenta para interromper esse efeito dominó sem precedentes. Vamos pensar: se a água compõe cerca de 70% do nosso próprio corpo, o negligenciamento desse elemento vital seria um ato de **autonegligência** coletiva? A ausência de uma conscientização ambiental crítica, sobre o ciclo da água e as consequências das nossas ações, transforma a água em uma abstração, como se fosse um recurso inesgotável em vez de um elemento que interliga o sistema e que dá continuidade à vida. Na gênese dessa crise sistêmica reside um problema de natureza social e educacional: a falta de letramento ambiental, reflexo da **cosmofobia**. Reflexões que vão além da ecologia são urgentes, é preciso que a prática dialogue com a nossa essência.

Referência

1. DONADIO, N. M. M.; GALBIATTI, J. A.; PAULA, R. C. de. Qualidade da água de nascentes com diferentes usos do solo na bacia hidrográfica do córrego rico, São Paulo, Brasil. Engenharia Agrícola, v. 25, n. 1, p. 115-125, abr. 2005. <https://doi.org/10.1590/S0100-69162005000100013>
2. RIBEIRO, J. S. B.; BRINGEL, S. R. B.; SANTOS, A. Hidroquímica na Amazônia Central. II. Flutuações no fluxo de saída de nitrogênio e fósforo em dois ecossistemas na Amazônia. Acta Amazonica, v. 8, n. 3, p. 409-416, set. 1978. <https://doi.org/10.1590/1809-43921978083409>
3. BARBOSA, H. M. J. Vapor de Água na Atmosfera: do efeito estufa às mudanças climáticas. Revista USP, São Paulo, Brasil, n. 103, p. 67-80, 2014. <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9036.voi103p67-80>
4. FAUSTINON, J. M.; CARNEIRO, C. D. R. Movimentos da crosta e relações entre Tectônica e dinâmica atmosférica. Terrae Didactica, Campinas, SP, v. 11, n. 3, p. 173-181, 2016. <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/td/article/view/8643645>
5. SANTOS, A. B. dos. A terra dá, a terra quer. [s.l.] Ubu Editora, 2023.
6. VALE, M. M.; ALVES, M. A. S.; LORINI, M. L. Mudanças climáticas: desafios e oportunidades para a conservação da biodiversidade brasileira. Oecologia brasiliensis, v. 13, n. 03, p. 518-535, set. 2009. doi:10.4257/oeco.2009.1303.07

